

## “José Saramago em cordel”: a memória do escritor na lira sertaneja de Medeiros Braga\*

Ciro Leandro Costa Fonseca\*\*

Pedro Fernandes Oliveira Neto\*\*\*

### Resumo

O poeta popular Medeiros Braga é economista e trabalha como técnico junto às comunidades rurais do interior da Paraíba, na região de Campina Grande. Desse convívio com os valores e a memória coletiva das camadas populares extrai a matéria-prima da sua produção cordelista, que é voltada para a transmissão memorial do legado de escritores como José Saramago, Ariano Suassuna e Patativa do Assaré. Essa relação entre a literatura erudita e a memória popular resulta de uma intersecção em que o ponto de vista das comunidades populares sobre escritores como José Saramago é matéria-prima da literatura de cordel. Nesse sentido, ancorados em Ayala (1997) e Penalva (2005), compreendemos que o poema José Saramago em cordel: um lutador coerente é resultado de uma hibridização, em que o popular e o erudito não se opõem, mas se complementam e nesse diálogo se localiza a literatura do cordelista ora posto em análise, concluindo ser sua obra representativa de memória e de identidades culturais.

### Palavras-chave

Hibridização; literatura erudita; literatura popular; memória.

### Abstract

The popular poet Medeiros Braga is economist and works as a technician with rural communities in the countryside of Paraíba, Campina Grande region. From that familiarity with the values and collective memory of popular classes, raw material of his cordelista production is extracted, which is directed to transmission of memorial legacy of writers such as José Saramago, Ariano Suassuna, and Patativa do Assaré. This relationship between the classical literature and popular memory results from an intersection where the view of popular community of writers such as José Saramago is the raw material of Literatura de Cordel. In this way, based on Ayala (1997) and Penalva (2005), we understand that the poem José Saramago em cordel: um lutador coerente is outcome of hybridization, in which the popular and the classical are not opposed, but complementary. And, in this dialogue, Brazilian Literatura de Cordel is located, now put under analysis, being a representative masterpiece of memory and cultural identity.

### Keywords

Hybridization; classical literature; folk literature; memory.

\* Artigo recebido em 31/07/2011 e aprovado em 20/10/2011.

\*\* Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

\*\*\* Aluno no Doutorado em Literatura Comparada do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Professor no Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras e Artes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

*O homem mais sábio que conheci em minha  
vida não sabia ler nem escrever.*

José Saramago

## **1. O mote deste trabalho**

A epígrafe foi extraída do discurso do escritor português José Saramago ao receber o Prêmio Nobel de Literatura. Em seu discurso subjaz o significado do avô para a sua memória e a influência das suas narrativas para a formação do escritor. Este trabalho busca compreender a memória da vida e da obra do escritor tecida em versos pelo poeta cordelista Medeiros Braga no folheto intitulado “José Saramago em Cordel: um lutador coerente”, que apresenta os momentos mais significativos da vida do Prêmio Nobel, as obras mais importantes e conhecidas, a ideologia política e a memória do avô enquanto metonímia da tradição oral portuguesa de histórias e poetas populares do Alentejo que enriquecem romances como *Levantado do Chão*, escrito na fronteira do erudito com o popular.

O poeta cordelista Medeiros Braga é economista e técnico de campo junto às pequenas comunidades rurais populares do Estado da Paraíba. Na obra desse autor subjaz, em grande parte, a memória da população com a qual convive na região de Campina Grande. Seus versos produzem a crônica social a partir da visão de mundo dos membros desses grupos minoritários, e a poesia do cordelista está ancorada, podemos assim dizer, na constituição identitária daquelas comunidades. Assim, compreendemos o fazer poético de Medeiros Braga numa fusão com a própria substância da vida do povo numa relação mediada pela memória. Nesta relação é tecida a justificação da função social de poeta, pois, conforme Bosi, “a memória do trabalho é o sentido, é a justificação de toda uma biografia” (2007, p.481).

Por ter convivido com as populações durante o histórico período da ditadura militar e guardar na memória os discursos de D. Hélder Câmara fazendo uso de versos de poetas como Castro Alves, a produção literária do cordelista em questão volta-se para a memória política em sua identidade com o grupo, assumindo a responsabilidade de guardião e transmissor de sua memória. Outro papel ocupado pelo poeta reside no fato de ser também um transmissor daquilo que não está diretamente ao alcance do povo, figurando, em vários momentos, como “noticiador” do que se passa além do espaço por ele ocupado. Dentre suas produções, destaquemos aqui aquelas em que se

marcam no corpo dos textos o embate/diálogo entre o erudito e a memória popular, como “O cordel do Manifesto Comunista” e biografias em versos de personalidades como Patativa do Assaré, Paulo Freire e Ariano Suassuna.

A hibridização entre a literatura erudita e a literatura popular colabora com um mútuo enriquecimento da literatura. *Levantado do chão*, por exemplo, é um romance em que o popular se manifesta através da superfície textual – quando o narrador traz para o epicentro da narrativa as histórias orais, os ditos populares, as anedotas, as histórias de trancoso, marcando, logo, um rico intertexto com o erudito – ou por meio do próprio tom com que o escritor monta a sua escrita, composta como uma radiografia da oralidade popular. Fato é que romances como este de José Saramago, ou de outros escritores, e citáveis são Jorge Amado, Mario de Andrade, Guimarães Rosa, bem como poemas de Manuel Bandeira, Adélia Prado e João Cabral de Melo Neto mostram como os autores bebem na fonte da cultura popular a fim de comporem sua escrita.

Do mesmo modo os poetas populares, cordelistas e repentistas constroem versos sobre a vida e a obra dos escritores, criam novos versos de suas histórias, isto é beneficiam-se do erudito para as composições, como o folheto “Gabriela”, do poeta Manuel D’Almeida Filho que na capa trazia a estampa de Sônia Braga, atriz que eternizou a personagem amadiana nas telenovelas, conforme Alceu Luís Castilho em artigo publicado na revista *Língua Portuguesa*, de julho de 2008. Nesse sentido tem razão Maria Ignez Ayala no artigo “Riqueza de pobre” ao afirmar que a hibridização da literatura popular constitui a sua maior riqueza. As temáticas, formas, experiências narradas, a memória de pessoas que marcaram a história formam uma bricolagem que rompe a cortina de ferro que tenta separar o popular e o erudito. Ayala afirma que:

A poesia popular nordestina, quer escrita, quer oral, guarda uma complexidade que vem desafiando muitos pesquisadores. Qualquer tentativa de classificação geral tem-se mostrado insatisfatória. Entretanto, quando analisada em suas particularidades quando se capta aqui ou ali um de seus traços particulares, descortina-se um universo inquietante, principalmente no que se refere ao processo de hibridização (1997, p.161).

Assim, a lira do poeta cordelista reelabora a memória popular e nessa memória estão presentes os grandes escritores da nossa língua portuguesa. Nesse viés, buscaremos enxergar a memória coletiva subjacente na obra de José Saramago e retratada nos versos do poeta Medeiros Braga.

## 2 Saramago em cordel

O cordel é o principal representante da poesia popular nordestina. Geralmente são poemas que bebem na fonte das narrativas orais populares e contam histórias que povoam o imaginário com personagens ficcionais, como João Grilo e Pedro Malasartes. Mas, seus versos também apresentam personagens reais, como Padre Cícero, Frei Damião, Lampião, cujas imagens são construídas a partir da memória popular; aí, são apresentados os fatos marcantes das vidas desses sujeitos no juízo valorativo do ponto de vista do grupo social a que pertence o poeta. Tradicionalmente são publicados em folhetos, que são vendidos desde as feiras-livres, comuns no sertão nordestino, até nas livrarias dos grandes centros. Entretanto, os cordéis não estão restritos a estes espaços. Há cordelistas que hoje publicam seus poemas em blogs e sites na internet, o que nos leva perceber que a literatura de cordel se encontra cada vez mais atuante e, como toda manifestação literária, se adapta aos novos contextos de vida e de cultura.

O poema “José Saramago em Cordel: um lutador coerente”, do poeta Medeiros Braga, apresenta o ponto de vista do autor sobre o escritor português, ponto de vista que se baseia não numa visão pessoal ou individual, mas o poeta recorda o lugar ocupado pelo escritor na memória do seu grupo, isto é, ponto de vista que emerge da coletividade. As lembranças das obras mais conhecidas e dos marcos biográficos e históricos, pontos da vida em que a memória popular dá mais significação, são reelaborados a partir da realidade do povo que rememora. Assim, são narrados em versos a partir do valor simbólico que a memória coletiva lhes confere. Sobre a memória coletiva é Halbwachs quem nos esclarece que:

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las, também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que recordamos, de ponto de vista desse grupo (2006, p.41).

A memória coletiva evoca fatos que têm um significado para a vida de um grupo. Enquanto representante da memória de um grupo, o poeta apresenta sua definição inicial do escritor José Saramago:

Além de ser bom poeta

E notável romancista  
Foi antes funcionário,  
Serralheiro, desenhista,  
Mecânico de automóvel,  
Tradutor e jornalista.  
(BRAGA, 2008, p.7)

Nas camadas populares a forma mais significativa de identificação de uma pessoa é pelo ofício que desempenha. É a profissão que define uma posição ocupada na sociedade. Segundo Ecléa Bosi (2007), a própria substância da vida se funde ao trabalho. Na memória de um povo, o trabalho é a justificação de uma vida inteira. O fato de José Saramago, como poeta e romancista, ser o narrador de sua gente, conhecer a vida e as tradições do povo português e transmitir essas experiências, como é a função social do narrador, conforme o filósofo Walter Benjamin (1993), faz-se fato que se destaca na voz poética de Medeiros Braga: “Além de ser bom poeta/ E notável romancista”. Mas a matéria narrativa foi retirada das profissões que exerceu e que o aproximaram da sua gente de forma mais interativa.

A sabedoria do narrador saramaguiano – e isso é notável logo nos seus primeiros romances, como o já citado *Levantado do chão*, ou ainda como em *Memorial do convento*, *A jangada de pedra* – sobre a realidade do povo português, fundamentando-nos em Benjamin, o aproxima do *narrador sedentário*, aquele que passou a vida se dedicando a conhecer os valores e as tradições do seu grupo, seus conflitos, anseios e desejos de mudanças. Nesse sentido, a arte narrativa saramaguiana, ofício por excelência do autor de *Ensaio sobre a cegueira*, é também resultado daquilo que lhe foi transmitido pelo avô (como durante toda sua biografia demonstrou de próprio punho o autor português), síntese dos narradores orais portugueses, o que confirma os dizeres de Benjamin (1993, p. 201): “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos ouvintes”. No poema em estudo, o cordelista enfatiza a universalidade da obra de Saramago como fator decisivo para o reconhecimento que o levou a ser eleito para o Prêmio Nobel de Literatura:

“MEMORIAL DO CONVENTO”,  
“ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”,  
“QUE FAREI COM ESSE LIVRO?”  
São, pois, mais três de primeira,

Levando o Nobel a vê-lo  
Como escritor sem fronteira.  
(BRAGA, 2008, p.9, grifos do autor)

O acontecimento do Prêmio Nobel marcou a memória não só do povo português, mas de todos os povos que falam a língua portuguesa. Disso sabemos. Essa premiação passou a ser uma atitude-símbolo da comunidade internacional que valoriza todas as culturas de língua portuguesa representadas na pessoa Saramago. Em seu discurso, e aqui está um dos marcos de reconhecimento do próprio autor para com a figura do seu avô, o escritor rememorou a sua figura como fundamental para o desenlace da sua obra. Essa influência representa a presença dos poetas populares e contadores de histórias, como vozes presentes na narrativa saramaguiana, por meio das experiências transmitidas por esses “guardiões da sabedoria”. Nesse diálogo, o escritor assumiu a responsabilidade de transmissor da memória e da tradição que recebeu da tradição oral. Essas vozes são rememoradas pelo poeta Braga nas seguintes estrofes:

Menino pobre, seria  
Por seu avô muito amado,  
Tendo José Saramago  
Como homem justo, honrado,  
Um conselheiro e guru  
Que nunca deixou de lado

Os costumes do avô  
Definiram a formação  
Do poeta que sentia  
De todo um povo a aflição  
Ante um mundo que exigia  
A sua transformação.

Ao receber a comenda  
Do Nobel, dele lembrou,  
Discorreu por um bom tempo,  
Das suas virtudes falou,  
Externou sua gratidão  
Até que a lágrima rolou.

Seu avô não tinha letras,  
Mas, na vida era doutor  
De ricos ensinamentos,  
De sentimentos de amor  
Tendo na conta dum mago  
Dele fez seu consultor.  
(BRAGA, 2008, p.6-7)

A sabedoria do narrador fez do avô do autor português um conselheiro cuja voz se soma às vozes dos diversos contadores de histórias dentro da obra saramaguiana. A memória das histórias ouvidas contribuiu na formação de escritor. Segundo Medeiros Braga, Saramago considerava o avô: “Como homem justo e honrado/ Um conselheiro e guru/ Que nunca deixou de lado”. Sua voz está ao lado da voz do romancista que ecoa na memória coletiva expressa nos versos do Cordel.

A importância do avô no processo de formação do escritor e da escrita (consequentemente), segundo o poeta, o levou a sentir as aflições do seu povo e buscar uma transformação por meio da escrita em que dá voz às minorias, como ocorre no romance *Memorial do Convento*, onde, por meio dos operários, a história oficial é revisitada e pelos laivos da cultura popular é subvertida. Isso o faz “um lutador coerente” como define o poeta na segunda parte do título deste cordel. A lembrança do avô e a gratidão expressa no discurso do escritor simbolizam o reconhecimento da riqueza da tradição oral dos narradores anônimos a quem a obra dá voz. Ao refletir sobre o pensamento de Benjamin, Ecléa Bosi confirma que “o narrador está presente ao lado do ouvinte” (2007, p.90). Essa presença é reavivada no tecido narrativo e a imagem do avô é elaborada a partir dos ensinamentos dessa figura, o que o torna um ícone mítico, amado e lembrado de forma especial. Sobre a memória de um familiar cuja fisionomia se torna exemplo, Ecléa Bosi, ao refletir a memória coletiva teorizada por Halbwachs, afirma:

Em nenhum outro lugar da vida social a convenção importa menos. Julgamos um parente pelo que ele é na vida diária e não por seus status, dinheiro, prestígio. A face que ele mostra a outros grupos não é a mesma que se expõe ao julgamento concreto dos seus (BOSI, 2007, p.426).

Como um lutador coerente, no ponto de vista do poeta, Saramago colocou-se ao lado dos povos massacrados. Isso é reforçado pelo poeta ao atribuir esse posicionamento do escritor à formação recebida do avô, conforme percebemos nos versos já citados “Os costumes do avô/ Definiram a formação/ Do poeta que sentia/ De todo um povo a aflição” (BRAGA, 2008, p.6).

O autor deste poema rememora, ainda, a participação e o forte engajamento político do escritor português. Conforme sabemos, Saramago foi membro do Partido Comunista Português e lutou, ao longo de sua vida, por diversas causas políticas

internacionais (a democracia, a questão palestina, o iberismo), vindo esta atividade, desde quando esteve à frente do *Diário de Notícias* e dispôs o jornal, em pleno regime salazarista, a serviço da classe operária portuguesa.

Mas, Saramago, seu mérito  
Está, pois, no compromisso  
Firmando com consciência,  
Com formação, e é por isso  
Que em nenhum movimento  
Político se fez omissos.

Não se curva aos poderosos,  
Não é de tergiversar,  
Se fez presente em Chiapas  
Sem deixar de protestar  
Pela matança de índios  
Sem terras pra trabalhar.  
(BRAGA, 2008, p.11)

Nesses versos o poeta realiza uma leitura social de algumas das ações de Saramago em que o apresenta como um escritor de forte teor ideológico. Para o poeta, a notoriedade e o reconhecimento alcançados pelo escritor não o distanciaram das lutas sociais das camadas populares e sua atitude diante das injustiças dá voz às minorias em defesa de seus direitos. Braga elabora a memória política do escritor e marca um juízo de valor comum, pois os versos do poeta rememoram a solidariedade do escritor que leva a uma identificação das camadas populares cuja memória e valores são a matéria-prima da poesia popular. O poeta tece a fisionomia política de José Saramago e reafirma a sua posição. Assim:

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a (BOSI, 2007, p.453).

A memória política do escritor realizada pelo poeta vai além da lembrança desse acontecimento. Para o recordador, os fatos da história e os acontecimentos políticos se misturam com a memória coletiva que se povoa de nomes que têm peso e significado. Na memória elaborada nesses versos, o poeta confirma a imagem que elaborou do escritor:



José Saramago sempre  
Teve com luta, suor,  
As mangas arregaçadas  
Pra o objetivo maior  
Que é deixar às gerações  
Frutos de um mundo melhor.

Coerente por toda vida  
Desde a sua mocidade,  
Não se curvando ao tirano,  
Nem se aliando a covarde,  
Saramago é o autêntico  
Arauto de liberdade.

Não que pese as condições  
Favoráveis, sem abismo,  
Seu prestígio construído  
No próprio capitalismo,  
Não abre mão das idéias  
Que levam ao socialismo.

É ele um socialista  
De grande convicção  
Que sabe, pela riqueza  
Que jorra da produção,  
Que a saída para o homem  
Tem por base a divisão.  
(BRAGA, 2008, p.15)

Na memória coletiva presente na poesia popular, a imagem dos grandes escritores é passada a limpo. Escolhe-se a fisionomia que mais se identifica com a história do grupo e esta, por meio da transmissão memorial, é ressignificada. As atitudes mais simbólicas que sintetizam a postura da pessoa recordada são enfatizadas na poesia. Assim se constrói a tradição nas culturas populares. O poeta recorda um Saramago humanista que fez de sua voz uma oportunidade de reflexão sobre um mundo humanizado. Nas palavras do poeta:

Saramago, para o mundo,  
Disse triste e sem engano  
Que, pelas prioridades  
Do muito governo insano,  
É mais fácil chegar à Marte  
Do que mesmo ao ser humano.

Nessa luta ele se fez  
Poeta de maior valor,  
Consagrado pelo povo

Como um leal escritor  
Pôs na prosa e na poesia  
A saga de um lutador.  
(BRAGA, 2008, p.12)

Outro marco da vida de Saramago que é recordado pelo cordelista é o impedimento dado pelo governo português de o escritor concorrer ao prêmio literário pelo livro *O Evangelho de Jesus Cristo*. O poeta relembra esse ponto onde sua obra dá uma nova significação à vida do romancista; sente-se solidário ao escritor e reflete sobre a injustiça de uma terra natal para com o mais representativo narrador. Poetas e narradores, por meio da memória, dão voz aos valores tradicionais de um grupo, muitas vezes subvertendo os valores oficiais a fim de elaborar uma outra identidade que vem baseada, sobretudo, numa memória silenciada. Para a historiadora Angélica Höffler (2006, p.31), eles possuem uma “voz que garante a coesão de um grupo e sua identidade”.

Assim o poeta proclama essa voz:

O governo português  
Num ato mais arbitrário  
Proibiu que Saramago,  
Por seu trabalho viário,  
Viesse a participar  
De um prêmio literário.

Era ao “PRÊMIO LITERÁRIO  
EUROPEU”, negado o visto  
Para dele participar  
Com seu livro subscrito  
Sob o título “O EVANGELHO  
SEGUNDO JESUS CRISTO”.  
(BRAGA, 2008, p.10, grifos do autor)

A memória desse deslocamento reavivada na literatura de cordel nos lembra as reflexões de Ecléa Bosi sobre as mudanças que muitas vezes não permitem o enraizamento de uma pessoa em determinado lugar. Essa diáspora é fruto da predominância das relações de poder sobre as relações de afeto, pertencimento e identidade com um grupo social. Assim, a atitude arbitrária do governo português feriu o direito humano de enraizamento no grupo a que pertence o escritor e de quem se fez narrador (cf. BENJAMIN, 1993). Porém, a unidade e os vínculos de Saramago com os povos de língua portuguesa não sofreram a espoliação de sua memória e esse exílio não

se tornou uma condição desagregadora de uma identidade cultural. Tem razão Ecléa Bosi ao retomar o pensamento de Simone Weil:

Trata-se de um direito humano fundamental para Simone Weil: “Um ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”. O desenraizamento é uma condição desagregadora da memória: sua causa é o predomínio das relações de dinheiro sobre outros vínculos sociais. Ter um passado, eis outro direito da pessoa que deriva de seu enraizamento (BOSI, 2007, p. 443).

O enraizamento se dá, não apenas pelo nascimento em uma terra e grupo, mas pela participação ativa nas tradições, nos valores, em seus quadros de referência histórica e cultural. Nesse sentido, a obra de José Saramago guarda tesouros do passado por revisitar a história oficial dando voz aos verdadeiros construtores e realiza certos pressentimentos do futuro por guardar a memória e a identidade que são tesouros vivos. A narrativa saramaguiana dá aos povos de língua portuguesa uma unidade, o direito à memória, a um sentido de coletividade. A participação do escritor no seio dessa coletividade se identifica com o exercício da memória realizado pelo poeta popular. Braga o chama de “bom poeta” por perceber que a sua obra lidera a memória de todo o grupo que representa. Assim, narrativa e poesia se revestem de uma atmosfera profética e estão carregados de uma

voz que, quando proferida, dá vida a sonhos de um mundo melhor. Poesia/profecia que é errância, é esperança, projeção de um futuro (e por que não de um passado?) cujas glórias e riquezas o presente desconhece (HÖFFLER, 2006, p. 31).

Na afirmação da historiadora Angélica Höffler, podemos enxergar a consideração que o poeta Medeiros Braga possui sobre o legado deixado pelo escritor José Saramago para as gerações presentes e futuras:

Festas, comendas, troféus,  
Nem os títulos de “doutor  
Honoris causa” ofertados  
Envaideceram o escritor  
Que se mostrou homem justo  
Humanista e lutador.

José Saramago sempre  
Teve com luta, suor,  
As mangas arregaçadas

Pra o objetivo maior  
Que é deixa às gerações  
Frutos de um mundo melhor.  
(BRAGA, 2008, p.14)

E o poeta conclui o seu cordel reafirmando seu ponto de vista sobre o escritor.

Saramago é imprescindível,  
Diria Brecht ao redor...  
Pela luta e objetivo  
Que o fazem bem maior  
Seu nome já está colado,  
Junto a um mundo melhor.  
(BRAGA, 2008, p.17)

Assim, a literatura de folhetos nordestina continua a registrar os fatos marcantes e a biografia das pessoas que enriqueceram a cultura e cuja obra dá coesão ao grupo social e sentido de pertencimento. Ao contrário do que pensa o senso comum, as temáticas escolhidas pelos poetas não são aleatórias, elas possuem um lugar significativo para a memória do grupo social. Saramago marcou toda a literatura de língua portuguesa, seja ela erudita ou popular, e na memória do poeta cordelista se dá a transmissão memorial que revive com frescor o significado do seu nome e encontrará ressonância nos grupos futuros, dando-lhes o direito a essa memória.

### **3 E na poesia a memória move a história**

Longe de se reduzir a um teor panfletário ou ao que costumam classificar como literatura engajada, a voz do povo presente tanto na obra saramaguiana quanto na poesia popular em sua face da literatura de cordel, não se restringe a um caráter ideológico. A memória coletiva presente em ambos nutre a literatura com uma rede discursiva que inclui histórias, valores, sentimentos, tradições, juízos de valor que dão a um povo o sentido de identidade. Nessa dinâmica, Saramago inclui a voz das minorias na literatura erudita, e o poeta popular que costumeiramente narra a vida e a obra de personalidades históricas escolhe o escritor português e detalha a sua biografia em versos a partir do julgamento que a memória popular faz dessa personalidade.

Assim, a literatura de cordel é uma construção identitária que bebe na fonte da memória popular e, nessa memória, escritores como Saramago marcam de forma significativa o imaginário popular e entram para o panteão das vozes que ancoram a identidade dos povos de Língua Portuguesa. É esse diálogo que unifica os povos e dá

coesão a sua identidade. Nesse sentido, não há mais espaço para a histórica segregação entre a literatura erudita e a literatura popular como se uma anulasse a outra. Tem razão Penalva (2005) quando ressalta que:

Na relação literatura oficial/literatura oral, é possível se falar hoje que a fronteira, nessa relação, se instale marcada pela intersecção. A diferença é marcada no embate direto e nos contatos constantes que elas estabelecem. Não há uma oposição ao cânone, antes a busca de um diálogo constante, de uma intercomplementaridade. A literatura oral, que até há pouco tempo foi praticamente ignorada pela historiografia literária, ao se colocar, exigindo espaço no cenário teórico literário, contribui com a discussão de métodos que pedem a reinterpretações do mundo (PENALVA, 2005, p.152).

Dessa forma, a voz expressa na literatura de cordel, arauto das tradições e guardião da memória de um povo, narra em versos a vida de José Saramago. Após a sua morte, a poesia cumpre a responsabilidade de transmissora da memória e de uma tradição que reavivará em grupos futuros o valor desta biografia tão cara e inspiradora.

### **Referências**

AYALA, M. I. N. Riqueza de pobre. In: Literatura e sociedade - Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP. São Paulo, nº. 02, 1997, p. 160-169.

BRAGA, Luzimar Medeiros. *José Saramago em cordel: um lutador coerente*. s. l., 2008.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Vol. 1. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.197-221.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTILHO, Alceu Luís. O amante da expressão popular. In: *Revista Língua Portuguesa*. Ano 3, n. 33, julho de 2008, p. 28-32.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro 2006.

HÖFFLER, Angelica. *A floresta no cordel*. Fortaleza: Secult, 2006.

PENALVA, Gilson. Literatura oral do sudeste paraense: memórias de velhos camponeses. In: *Graphos: revista da Pós-graduação em Letras/publicada pelo Curso de Pós-Graduação em letras da Universidade Federal da Paraíba*. Vol. 7, nº. 2/1, João Pessoa, 2005, p. 147-154.

SARAMAGO, José. *Discursos de Estocolmo – 7 e 10 de dezembro de 1998*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

\_\_\_\_\_. *Levantado do chão*. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. *Memorial do convento*. 33 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.